

Educação: novos cenários e perspectivas¹

Maria Isabel Nascimento Ledes Monteiro

Resumo

Nos dias atuais, as mudanças ocorrem de forma contínua e com muita velocidade. A evolução provoca desdobramentos múltiplos e muitos aspectos precisam ser levados em consideração, tanto em uma análise do presente quanto sobre as perspectivas do futuro. A economia mundial sofre a todo o momento as influências das conjunturas vivenciadas nos diversos países do mundo. As tecnologias experimentam avanços diários em todas as áreas do conhecimento humano e trazem à tona novos contextos sociais, gerando uma série de dúvidas sobre o que está por vir. Em meio a tantas incógnitas, considerar os contornos dos possíveis cenários de futuro de forma clara torna-se desafiador. Ao adentrarmos no complexo campo da Educação, não podemos deixar de considerar as interfaces inerentes a essa Ciência, cujas as idéias reducionistas ou simplistas, o preconceito, a manutenção de paradigmas tradicionais, dentre outros, não encontram lugar.

Palavras-Chave: Educação; Tecnologia; Futuro.

Education: new scenarios and perspectives

Abstract:

Now a days changes occur continuously and with plenty velocity. Evolution provokes multiple disclosures and a lot of aspects must be taken into consideration, including present and future perspectives. World economy suffers at every instance influence of conjunctions experienced by countries around the globe. Technology experiences daily developments in all areas of human knowledge arising new social context, causing many doubts towards what is yet to come. Among so many uncertainties, to picture future scenarios is a challenge. When entering the complex field of Education there is no space for traditional paradigm, we cannot disregard the interfaces related to this science, nor allow reductive or simplistic ideas as well as prejudice. Restlessness in the area of Education has bought researchers to look for contributions in other scientific fields. It is worthy to emphasize the indispensable contribution of Anthropology and the influence of culture to amplify the possibility of analysis of objects. New paradigm appear in the middle of inflamed discussions where certain truths cannot be evaluated as absolute.

Keywords: Education; Technology; Future.

Introdução

Cenários são panoramas sobre futuros possíveis, utilizando “jogos de hipóteses para a construção de imagens futuras” (GODET, 1983. p.03). A par da realidade presente, utilizam-se os cenários para enfrentar as mudanças, auxiliando na reflexão sobre o futuro, sem determinismos ou fatalismos.

Só poderemos vislumbrar o amanhã se levarmos em conta as práticas sociais vigentes, os valores e conflitos existentes, as ações e as características do homem como sujeito de uma sociedade.

A História é um resultado da ação do homem e de seu posicionamento perante essa ação. Os caminhos tomados pela humanidade dependem de diferentes variáveis que se alternam, muitas vezes, sem a existência de uma determinada lógica. Os acontecimentos da atualidade nos permitem projetar o que será possível ou não no futuro.

Se considerarmos a educação como um poderoso instrumento de transformação social, podemos focar a escola como uma determinante dos novos *designs* que se estabelecem na projeção do futuro. Em relação à inclusão social, por exemplo, consideramos que a escola não é a única determinante, mas tem a capacidade de exercer grandes influências na reorganização da sociedade, que permita um maior e melhor acesso dos excluídos à escolarização. Nessa perspectiva, Carnerio (1995, p.42) afirma que

[...] a educação passa a ser encarada como a principal determinante da reversão da pobreza estrutural e o único fator que pode ser verdadeiramente responsável por vencer o círculo de ferro da exclusão.

Ao lado das exigências crescentes ligadas à qualidade de vida, em uma perspectiva democrática, que propicia o acesso igualitário a serviços básicos para todas as camadas sociais, a educação possui uma grande responsabilidade sobre o cotidiano, em diversos setores da sociedade.

A priorização da educação tem sido objeto de discussão em diversos foros políticos, embora a prática esteja, ainda, longe de estar sintonizada com a retó-

rica. Os objetivos da educação já não são tão simples, já não podem contemplar apenas os interesses de determinados grupos, mas precisam ser ampliados para se tornarem válidos para toda a sociedade. Para Paulo Freire (2000, p.58):

*A educação requer do educador o aprofundamento da compreensão da realidade e do seu posicionamento, já que: a educação que, não podendo jamais ser neutra, tanto pode estar a serviço da decisão, da transformação do mundo como da inserção crítica nele.*²

As atividades humanas e suas inter-relações impulsionaram a educação para novos patamares. A economia globalizada originou conceitos de uma cultura igualmente globalizadora, pois o que era considerado diferente passa agora a ser integrado ao conhecimento e ao próprio cotidiano. Nesse contexto, não há espaço para a defesa da permanência dos paradigmas tradicionais, que versam o papel do professor como o de gestor e regulador da atividade escolar, que realiza a maioria das escolhas, que gerencia poderes e submete o aluno a um posicionamento passivo, muito embora tenham ocorrido várias tentativas de inserções construtivistas e democratizantes nos processos de ensino e de aprendizagem por defensores de uma educação mais democrática e equitativa.

A relação entre a educação e o mercado de trabalho está cada vez mais evidente. Na medida em que as exigências dos empregos se aprimoram, a escola sente as conseqüências. Não é possível permitir uma posição de alienação da escola em relação às evidentes mudanças nos tipos de empregos e em suas qualificações.

A capacidade de adaptar-se também tem que fazer parte das novas perspectivas da educação. Quem se habitua a agir sempre de um mesmo modo está fadado ao desajuste social. O mundo atual indica a necessidade do desenvolvimento de habilidades que revelem equilíbrios sociais, afetivos e intelectuais.

Não basta mais apenas saber. Por isso, a escola não é mais uma máquina de fabricar informações desconexas. É preciso, mais do que nunca, saber o

que fazer com o saber. O conhecimento por si mesmo não representa mais um domínio suficiente do saber. Os saberes ultrapassam os limites das memorizações e dos raciocínios lineares, alcançando níveis mais elevados e subjetivos. Sua mobilidade, nos diferentes setores da vida real, obriga o indivíduo a estar sempre conectado às exigências profissionais e sociais, em um mundo cujo o trabalho e estudo não estão mais limitados a espaços físicos.

O tipo de acesso que a população tenha ao ensino revela a coerência do país em relação as suas maiores necessidades. O mercado de trabalho criou expectativas em torno dos jovens que ultrapassam o esperado em décadas passadas. Segundo Papert (1994, p.5):

*[...] Não faz muito tempo, e até mesmo hoje, em diversas partes do mundo, os jovens aprendiam habilidades que poderiam utilizar pelo resto de suas vidas em seu trabalho. Hoje em dia, nos países industrializados, a maioria das pessoas tem empregos que não existiam quando elas nasceram.*³

Diante de tantas variáveis, a escola tenta encontrar uma maneira de despertar o interesse dos alunos pelos conteúdos curriculares, e também agregar ao cotidiano das salas de aula mecanismos que proporcionem a inserção das novas tendências, o que é extremamente difícil, visto que o mundo tecnológico e suas características modificam-se em uma velocidade que ainda não foi possível ao meio escolar acompanhar.

A necessidade de reconstrução da escola em consonância com os novos parâmetros do mercado de trabalho é cada vez mais premente. Uma escola estática que não avance juntamente com as novas tendências certamente encontrará sérias dificuldades para sobreviver no mundo globalizado.

A educação acrescenta valor aos sistemas de produção, tornando-se um referencial do grau de desenvolvimento e superação de um povo. Essa valorização do conhecimento coloca as instituições educacionais em um patamar de elevada importância na formação

profissional, especialmente as que são responsáveis por fomento à pesquisa e à extensão, como as de nível superior.

Relação indissolúvel: cultura e educação

Se de um lado a escola precisa fomentar transformações em meio a tantas exigências, de outro não podemos deixar de considerar que a Educação deve estar diretamente vinculada à Cultura. Da mesma forma que reconhecemos a vinculação entre educação/cultura e antropologia/cultura, há que se reconhecer, também, a vinculação educação/antropologia estabelecida através da cultura. Nos dias atuais, é manifesto e incontestável o entendimento de que a educação deve manter relação íntima e orgânica com a cultura (BELTRAME e CAMACHO, 2005, p.2).

Quer se tome a palavra “educação” no sentido amplo, de formação e socialização do indivíduo, quer se restrinja unicamente ao domínio escolar, é necessário reconhecer que, se toda educação é sempre educação de alguém por alguém, ela supõe sempre, também, necessariamente, a comunicação, a transmissão, a aquisição de alguma coisa: conhecimentos, competências, crenças, hábitos, valores, que constituem o que se chama precisamente de “conteúdo” da educação, devido ao fato de que este conteúdo parece irreduzível ao que há de particular e de contingente na experiência subjetiva ou intersubjetiva imediata, constituindo, antes, a moldura, o suporte e a forma de toda experiência individual possível. Este conteúdo que se transmite na educação é sempre alguma coisa que nos precede, nos ultrapassa e nos institui como sujeitos da História, alcançando o status do que se define por cultura. (FORQUIN, 1993, p. 10 *in* BELTRAME e CAMACHO, 2005, p.3).

Reflexões a respeito da relação entre educação e cultura culminam na conclusão de que é de grande responsabilidade do empreendimento educativo a transmissão e a perpetuação da experiência humana, que nada mais é que a cultura. Assim, Forquin⁴ encerra a questão afirmando que “a cultura é o conteúdo substancial da educação [...]: a educação não

é nada fora da cultura e sem ela” (BELTRAME e CAMACHO, 2005, p.6). Mas, ele alerta que a educação não transmite a cultura, ou uma cultura ou culturas. Ela transmite algo da cultura, elementos de cultura.

A vinculação educação/cultura não se limita apenas à esfera da transmissão cultural. Para compreender os processos e as práticas pedagógicas, tanto o professor quanto o pesquisador necessitam estar permanentemente atentos ao fato de que alunos de meios sociais diferentes cheguem à escola com características culturais determinadas, que influenciam de forma direta na maneira como respondem às solicitações e exigências próprias da escolarização. Além disso, esta compreensão do processo supõe a consideração das características culturais dos próprios professores, seus saberes, seus valores, seus referenciais. E, por fim, não é possível negar a contribuição que o conceito de cultura traz para o entendimento da escola:

[...] a escola é também um ‘mundo social’, que tem suas características de vida própria, seus ritmos e seus ritos, sua linguagem, seu imaginário, seus modos próprios de regulação e de transgressão, seu regime próprio de produção e de gestão de símbolos. E esta ‘cultura da escola’ [...] não deve ser confundida tampouco com o que se entende por ‘cultura escolar’, que se pode definir como o conjunto dos conteúdos cognitivos e simbólicos que, selecionados, organizados, ‘normalizados’, ‘rotinizados’, sob o efeito dos imperativos de didatização, constituem habitualmente o objeto de uma transmissão deliberada no contexto das escolas⁵ (BELTRAME e CAMACHO, 2005, p.5).

Atual cenário: a exigência de um novo professor

Após avaliarmos a Cultura como “conteúdo substancial” da Educação e, conseqüentemente, participe das mudanças que ocorrem em meio a tantas exigên-

cias do cenário globalizado vivido pelo mundo atual, é mister que também consideremos o papel do novo profissional de educação. A inserção das Tecnologias de Informação e Comunicação está presente em vários setores da sociedade moderna e pós-moderna, gerando mudanças em todo o globo, e não há como ignorá-las no campo educacional. Contudo, a simples inserção das TIC não denota uma ação transformadora à prática docente, muitas vezes arraigada em um passado de cultura tradicionalista e alienante. Um desafio para o professor atualizar-se e continuamente preparar-se para as demandas do presente e do futuro próximo.

[...] a história recente da educação está cheia de promessas rompidas, de expectativas não cumpridas, geradas ante cada nova onda de produção tecnológica (do livro de bolso ao vídeo ou ao próprio computador)⁶ (SANCHO, 2006, p. 19)

O respeito ao aluno, extensivo à família, à sociedade e ao Estado deve ser refletido na prática do professor como mediador do conhecimento. Frente à explosão aligeirada da *Internet* nas últimas décadas e, conseqüentemente, das TIC, é necessário que o professor reflita criticamente sobre sua formação inicial e continuada, considerando sua práxis como uma aprendizagem inacabada. Com muita propriedade, Paulo Freire (1998, p.23) nos remete a essa reflexão como algo a ser absorvido à prática do educador:

[...] É assim que venho tentando ser professor, assumindo minhas convicções, disponível ao saber, sensível à boniteza da prática educativa, instigado por seus desafios que não lhe permitem burocratizar-se, assumindo minhas limitações, acompanhadas sempre do esforço por superá-las, limitações que não procuro esconder em nome mesmo do respeito que me tenho e aos educandos⁷.

A preocupação com a prática deve levar o educador a aproximar-se dos desafios constantemente pre-

senciados na escola e fora dela. O que se pensa e realiza dentro do ambiente escolar influencia diretamente todo o contexto social. Devido à amplitude que o processo escolar atinge em todas as suas etapas, há uma constante preocupação com os rumos possíveis que a educação pode tomar. “A educação cresce em importância e continua sendo a principal força motriz da inovação e competitividade dos países” (PORTO, 2003, p.50). Observa-se, porém, que os discursos ainda transitam no campo da oralidade e os “currículos experimentais” ainda são adotados sem inovações relevantes.

Embora a atividade pedagógica pesponte hoje toda a sociedade e extrapole o âmbito escolar formal, abrangendo esferas mais amplas de educação informal e não formal, ainda há lacunas que carecem de ser preenchidas.

Os descaminhos do profissional de educação

A formação inicial do professor como um fim em si mesma já demonstrou historicamente seu esgotamento. A formação inicial não responde mais às necessidades prementes de qualificação profissional para o momento atual e vindouro. As novas realidades têm exigido um entendimento ampliado das práticas educativas e, por conseqüência, do professor. É necessário ao profissional de educação possuir intrinsecamente uma postura permanente de inconformismo e de inconclusão. Sua prática deve ser reflexiva e contextualizada em uma busca itinerante de construção e reconstrução. É pressuposto para o educador não aceitar o futuro com determinismo e o pragmatismo como única verdade.

Diante das “ameaças” da pós-modernidade que tende a relativizar o tempo histórico sem perspectiva de futuro, cujo presente é eternizado, o educador media o debate entre diversos paradigmas formativos. Plantamura (2003, p.13) propaga a discussão quando afirma que é necessário construir alternativas educacionais em uma busca contínua de um educador-formador que não silencia:

[...] Existe uma relação profunda entre utopia e prática educativa. A morte do sonho

*e da utopia, prolongamento da morte da história, que ameaça a vida da esperança, despolitiza a prática educativa e fere a natureza humana, imobilizando a história e reduzindo o futuro à permanência do presente.*⁸

O ponto de partida, na visão do educador do futuro, deve ser a subjetividade inserida na dimensão pedagógica política de sua práxis. O professor é um ser histórico, uma vez que pertence à História, e a sua consciência deve compreender o seu papel como sujeito da própria história. A formação inicial deve operar como combustível e impulsionar uma adoção coerente entre a teoria e a prática continuamente.

A construção da prática do profissional de educação do futuro deve abranger a sua experiência pessoal e a sua formação inicial, vez que é necessário coerência entre discurso e prática que denotem inovação pedagógica. O debate sobre a identidade do educador e a clareza sobre a natureza e a especificidade da educação, enquanto Ciência e prática social, está na pauta em diferentes foros de discussão sobre a educação do futuro, que emerge da globalização. As transformações sociais influenciam diretamente as rotinas educacionais e, conseqüentemente, o perfil do educador e a sua práxis.

Com propriedade, Plantamura (2003) afirma que não é possível restringir o papel do profissional de educação em “[...] ‘saber fazer’, desconsiderando o problema teórico-metodológico [...], seja como configuração de percepções subjetivas, seja como repertório de saberes e formas de agir em contextos de trabalho e outros contextos sociais” (p.17).

Formação continuada do professor

Como conseqüência das alterações mundiais causadas pelo avanço das tecnologias de informação e comunicação, e também devido às maiores exigências do mundo da globalização, novas perspectivas alcançaram o ensino superior. Os novos profissionais precisam alcançar um nível maior de informação e manuseio desta informação, carecendo, portanto, de

estar continuamente sendo capacitados e atualizados para as suas funções.

É notória a carência de investimentos em políticas públicas que privilegiem novas formas de atender ao desafio de educação continuada e que contemplem horizontalmente os profissionais de educação em suas dúvidas, anseios, desejos; ou seja, é necessário que programas de formação continuada atendam as especificidades dos diversos segmentos de ensino e a professores em suas diversas áreas do conhecimento.

Ao profissional de educação cabe a consciência crítica de que, independente de investimentos públicos no setor educacional para sua educação continuada, ele deve agregar ao inconformismo peculiar inerente ao educador uma postura pessoal e individual de busca permanente de aprendizagem, atualização e aprimoramento dos conhecimentos adquiridos na formação inicial. Agregada a essa idéia, renomados autores defendem que a educação continuada também acontece de forma coletiva e no próprio ambiente escolar, não somente individualmente. Com propriedade, Nóvoa (1997, p.26) e Freire (1996 p. 43) expressam suas convicções sobre o tema:

*[...] A troca de experiências e a partilha de saberes consolida espaços de formação mútua, nos quais cada professor é chamado a desempenhar simultaneamente, o papel de formador e de formando. O sucesso profissional do professor, o espaço ideal para seu crescimento, sua formação continuada, pode ser também seu local de trabalho.*⁹

*[...] É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem é que se pode melhorar a próxima prática. Não é raro encontramos profissionais que responsabilizam a instituição pelo desajuste entre as informações recebidas e sua aplicabilidade. A formação só será completa quando esses profissionais se auto produzirem.*¹⁰

Se por um lado os profissionais de educação precisam buscar individualmente ou coletivamente uma educação contínua, por outro, o “mundo” do trabalho tem investido na capacitação e especialização não somente do seu profissional, atribuição essa que não mais privilegia somente o setor educacional.

Educação do Estado ou educação da(na) empresa?

Se há algum tempo era de responsabilidade da universidade e tão somente ela promovia a educação superior, hoje a realidade é outra. Cada vez em maior número surgem as universidades corporativas com ofertas de cursos abertos para o público interno e externo. Em parceria com as instituições superiores tradicionais, o ensino vai se dilatando em setores antes restritos a determinadas instâncias. Um dos aspectos mais conhecidos e utilizados nestes casos refere-se ao uso de recursos de ensino a distância, que estão sintonizados com a modernidade tecnológica, como as videoconferências, a *Internet*, o *cd-rom*, dentre outros. Jeanne Meister¹¹ (1999), afirma que, em poucos anos as empresas terão o seu próprio centro de educação.

Instituições nacionais e estrangeiras têm investido na oferta de cursos *stricto sensu* e *lato sensu*, utilizando o ensino a distância. A extensão geográfica tem deixado de ser uma barreira e se tornado irrelevante quando a questão é educação. O movimento de internacionalização e quebra de fronteiras é um aspecto característico da globalização, possibilitando, inclusive, a abertura de campus “filiais” de universidades de um país em outro, ou a criação de centros avançados de estudos, a exemplo da British Open University¹², e ainda pelo estabelecimento de consórcios¹³ educativos, que permitem a interligação entre as instituições nacionais e destas, com as internacionais.

Essas características de internacionalização do ensino produzem desafios significativos para as sociedades e para suas instituições educacionais locais,

já que muitas vezes os instrumentos de verificação e controle sobre a educação variam entre os países, o que muitas vezes dificulta o reconhecimento de diplomas entre si. Seria necessária a edição de legislações e instrumentos garantindo, assim, a validade e a qualidade da oferta de cursos que não são realizados de forma tradicional dentro das próprias localidades onde vive o cidadão estudante.

O surgimento de universidades que atuam pela *Internet* com oferta de ensino a distância, como uma forma de formação inicial ou continuada, tem sido uma tendência internacional que começa a delinear-se em várias partes do mundo. Apesar do oferecimento aligeirado de cursos superiores ou especializações a distância ter invadido o globo, há de se questionar a qualidade dessa oferta.

Uma alternativa, que é também uma tendência dentro deste contexto, é a formação de parcerias para o desenvolvimento de projetos relacionados a uma política compartilhada de gestão e utilização de infraestrutura, entre outras.

Se, por um lado, as empresas, por meio de suas universidades corporativas, avançaram na valorização e incentivo aos seus funcionários, oferecendo treinamento para o exercício de funções específicas, por outro, cabe questionar a validade e a qualidade quanto à expansão de simples cursos de capacitação a cursos superiores que se têm operando de forma indiscriminada. É no mínimo preocupante a ação fragmentada e isolada que se revela nessa nova realidade.

As universidades corporativas, inclusive as virtuais, entraram no mundo até poucas décadas restrito ao setor educacional, público e privado, que tinha como objetivo único promover a educação de um país e, nesse crescente aligeirado, pode-se avaliar positivamente o aumento do acesso de alunos a cursos superiores, em razão da facilidade e da numerosa oferta de instituições superiores particulares que promovem uma forte concorrência entre si. A internacionalização desta oferta ultrapassa os limites da concorrência para além das fronteiras nacionais, gerando a formação de um mercado global da educação.

Com a projeção da concorrência para fora dos níveis de proximidade, juntamente com outros fatores correlatos, um dos efeitos que começam a se manifes-

tar é o modo pelo qual a sociedade e os alunos percebem a educação, avaliando sua qualidade e a eficiência de seus programas.

Em função disso, estima-se que a progressiva dilatação da concorrência tenderá a motivar significativas transformações no campo educacional, redefinindo as características da Educação Superior.

As crescentes pressões relativas à avaliação da aprendizagem e da competência profissional do educador por parte dos alunos, isto é, a aplicação prática do ensino, revela importantes aspectos sobre o desenvolvimento do ensino, que até então não apareciam com tanta evidência. Essa avaliação de aspectos mais práticos coloca em xeque concepções preconceituosas, que determinavam a superioridade de uma instituição sobre outra, pela simples evocação de fama, prestígio ou falta destes. As características de motivação e os atrativos que cada uma das faculdades detêm são elementos que influenciam na questão da concorrência. Esses fatores estão correlacionados com as habilidades de *marketing* que as instituições utilizam, investindo dinheiro e projetos que demandam certo tempo para a conquista de fatias substanciais do mercado educacional.

Com as evoluções no campo educacional, delineiam-se alguns elementos que podem nos fazer antever de certa forma o futuro, ou diferentes projeções de vários futuros possíveis. Pela lógica dos acontecimentos, a inserção de determinados cenários está ligada a escolhas de comportamentos e ações.

Esses cenários, dentro da globalização, promovem a crescente inserção das TIC nos cotidianos diversos, a ampliação do estudo e a qualificação cada vez mais refinada dos cursos superiores e de especializações e, ainda, a formação continuada de professores, com o reconhecimento mútuo de diplomas por parte de diferentes países e as alianças educacionais entre diferentes grupos, com o apoio de diferentes setores interligados à educação.

A globalização do próprio ensino superior requer parâmetros similares de qualidade, embora haja a necessidade de se respeitar as características próprias que cada local possui e que influenciam no ensino e na aprendizagem. É possível prever a legitimação de órgãos que apóiam a rede internacional de ensino.

Boaventura Santos (2003) faz uma crítica à privatização das universidades, quando afirma que

[...] a criação de empresas que forneçam professores, que forneçam currículos, que forneçam avaliações de professores, que forneçam avaliações de estudantes, que fazem a certificação dos cursos representariam a liberalização total (p. 45).

Talvez essa liberalização ocorra, progressivamente, em âmbito local e nacional e, posteriormente em nível de grupos multinacionais. Em um processo de ampliação dos ambientes educacionais superiores, torna-se altamente provável a institucionalização de órgãos, privados ou não, que auxiliem no equilíbrio das relações educacionais internacionais.

Neste quadro, a educação deixaria de ter um contexto de mera mercadoria a ser vendida como passagem para o mundo do trabalho, para atingir um patamar de homogeneidade e interligação entre culturas e nações. A cooperação, a divulgação de saberes e processos científicos determinariam uma ampla integração entre diferentes povos, portadores de visões muitas vezes antagônicas.

Os novos atores seriam os pesquisadores e pensadores que atuariam como verdadeiros embaixadores da educação, trazendo e buscando novas respostas capazes de solucionar problemas ou ampliar perspectivas locais. Assim como ocorre no comércio sem fronteiras, que acontece todos os dias por meio de *sites* da *Internet*, a educação globalizada estaria ao alcance de um número bem maior de cidadãos. A educação tomaria um lugar mais reconhecido do que já tem na atualidade, rompendo barreiras que estagnam alguns projetos educacionais.

Pela capacidade de perpetuação dos valores consagrados pela humanidade, e não apenas pelo mero acúmulo de informações sem nenhuma interligação, a educação teria adquirido um aspecto bem mais ampliado. Os avanços científicos e do pensamento em geral teriam um campo maior para serem propagados, não ficando segregados em um único local.

Os mercados de trabalho sofreriam variações referentes a essa ampliação das perspectivas do campo

educacional. Ao mesmo tempo em que influenciam a educação por basearem as próprias transformações educacionais, o mercado de trabalho é profundamente marcado por todas as modificações que alteram a macro-estrutura do sistema educacional superior.

Considerações finais

O século passado foi marcado por transformações radicais, no âmbito da produção do conhecimento científico, decorrentes, sobretudo, da introdução das denominadas tecnologias de informação e comunicação que, em rápida análise, constituem ferramenta indispensável nos dias atuais, cuja permanência é imperiosa.

As funções, que anteriormente eram exclusivas do Estado, passaram a ser exercidas pela iniciativa privada; e as organizações passaram a ser alvo de constantes transformações, que acarretam uma série de dilemas para os modelos educativos existentes.

A educação virtual pesponta como um novo paradigma educacional e começa a se fortalecer com os avanços tecnológicos, ao tempo em que passa a ser encarada como modalidade aplicável ao sistema educacional em vários países, inclusive no Brasil. Muito embora tenha surgido em 1829, na Suécia,¹⁵ a Educação a Distância – EaD – somente ganhou força com o advento da *Internet*, nas últimas décadas, com o “fenômeno” da globalização.

O EaD emerge de quase total anonimato e passa a ser promessa de modalidade educacional autônoma e futurista, com um sistema tecnológico de comunicação bidirecional que substitui o contato pessoal professor/aluno, como meio preferencial de ensino, pela metodologia sistemática, manejada com um conjunto de diversos recursos didáticos, e pelo apoio de uma organização e tutoria, que possibilita a aprendizagem independente e flexível dos alunos, inferindo democratização ao acesso à educação. Esse processo propicia uma instrução autônoma, promovendo um ensino inovador e de qualidade, incentivando e permitindo a atualização e o aperfeiçoamento daqueles que querem aprender mais, possibilitando que o aluno seja realmente ativo, responsável por sua aprendizagem e, principalmente, aprenda a aprender significativamente.

A EaD, enquanto um “novo modelo educacional”, tem gerado discussões acirradas em diversos foros, por parte de pesquisadores em diversas partes do globo. De um lado, os defensores fervorosos, de outros, críticos conservadores. A título de ilustração, vale trazer à colação as ministrações de Corrêa (2005, p.10) e Costa et al (2004, p.26):

*[...] À primeira vista, pode-se pensar que uma sala de aula convencional sempre proporciona maior interatividade entre professor e alunos, simplesmente pela proximidade física, mas a evolução da educação está provando que nem sempre isso é verdade.*¹⁵

*[...] Intensificando os avanços obtidos, a Internet adentra no campo acadêmico, passando a se constituir como um importante elo entre equipamentos e, o que é mais relevante, contribuindo para intensificar a produção do conhecimento científico, viabilizando, também, conexões entre diferentes culturas ampliando as possibilidades de estabelecer uma multiplicidade de relacionamento entre pessoas*¹⁶.

Questões como essas e os demais desafios de um mundo em constante transformação, remetem-nos a uma reflexão sobre o sistema educacional do futuro. Há de se considerar, nesse particular, o papel do discurso científico como construtor simbólico, uma vez que o processo de conhecimento se insere num amplo contexto de mudanças sociais e culturais que estremece as bases epistemológicas das ciências e nos desafiam a repensar abordagens vigentes, cujo avanço tecnológico singulariza e transforma a cultura contemporânea através dos processos de globalização.

Ao longo da trajetória da história humana, a Educação tem sido marcada por idéias e sonhos muitas vezes utópicos, mas também por conflitos, resistências e retrocessos. Esse tempero tem impulsionado um grupo significativo de pessoas e instituições a acreditar na educação a distância e no seu poder de demo-

cratizar o acesso ao conhecimento, deixando para trás a crença de que esta é uma modalidade de educação de segunda categoria.

A construção e reconstrução do saber devem fazer parte, diariamente, dos foros de discussão em prol da busca de novas dimensões e significados para as relações do ensinar e do aprender, incluindo o próprio conceito de presencialidade como sinônimo único e restrito de qualidade de ensino.

Se no contexto atual, já não cabem concepções arraigadas em discriminação e preconceito, que dirá no futuro. É preciso avaliar dados, confrontar idéias e paradigmas, sem perder de vista a premente necessidade de se estabelecer uma nova educação, integral, concreta e significativa, visando a democratizar o saber e possibilitar o acesso à educação e ao conhecimento científico e tecnológico.

Diante do cenário globalizado em que vive a maioria dos povos nos diversos países, e ao se avaliar e propor a estrutura de um sistema educacional no futuro, não há como não incitar uma proposta pedagógica preocupada em formar leitores críticos das TIC e do mundo que os cerca. Assim, é preciso considerar o poder e a interferência dos meios de comunicação, tecnologia e informação na sociedade; é preciso discutir suas mensagens, confrontá-las com os próprios modelos, analisar as variáveis que influem para que as situações sejam semelhantes ou diferentes, comparar experiências e estabelecer referenciais próprios.

É imperioso, em quaisquer propostas educacionais de mudança, levar em consideração a relação da escola com a sociedade em que está inserida. Em uma “visão sistêmica”, a escola, enquanto organização, embora gozando de certa autonomia, não pode ser desligada do “mundo” chamado sociedade, que lhe determina os respectivos fins e condiciona os seus processos de mudança paradigmática, política, social, cultural, tecnológica, etc.

Vale esclarecer que, ao se falar em escola, leia-se incluso o profissional de educação e a sua práxis, pois não há como se falar da escola sem visualizar o essencial papel do professor frente às mudanças e transformações sociais, culturais, tecnológicas, políticas e, principalmente, paradigmáticas que serão compar-

tilhadas com o alunado. A relação da escola-professor deve ser dialética, de troca horizontal entre o educador e o educando, exigindo-se nesta troca atitude de transformação da realidade conhecida. Relação essa que Paulo Freire (1983) denomina de “educação libertadora”, que é acima de tudo uma educação conscientizadora, na medida em que além de conhecer a realidade, busca transformá-la, ou seja, tanto o educador quanto o educando aprofundam seus conhecimentos em torno do mesmo objeto cognoscível para poder intervir sobre ele. (p.38)

Nesse sentido, quanto mais se articula o conhecimento frente ao mundo, mais os educandos se sentem desafiados a buscar respostas e, conseqüentemente, quanto mais incitados mais serão levados a um estado de consciência crítica e transformadora frente à realidade. Esta relação dialética é cada vez mais incorporada na medida em que educadores e educandos se fazem sujeitos do processo, em um mundo em constante transformação.

Notas

- ¹ Trabalho aprovado no Seminário de *Scenario Planning* em Educação, de acesso ao Doutorado em Educação na área da Inovação Pedagógica, sob orientação da Prof^a Dr^a Jesus Maria Angélica Fernandes Sousa, Presidente do Departamento de Ciências da Educação da Universidade da Madeira-PT.
- ² C.F. Paulo FREIRE. **Pedagogia da Indignação**: Cartas pedagógicas e outros escritos. 2000.
- ³ C.F. Seymour PAPERT. **A Máquina das Crianças**: Repensando a Escola na Era da Informática. 1994.
- ⁴ C.F. Jean-Claude FORQUIN. **Escola e Cultura**: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar. 1993.
- ⁵ C.F. BELTRAME, S.A.B. e CAMACHO L.M.Y. **Usos e abusos da etnografia na educação** Disponível em: URL: http://www.educacaoonline.pro.br/art_usos_e_abusos.asp
- ⁶ C.F. Juana Maria SANCHO e colaboradores. **Tecnologias para Transformar a Educação**. 2006.
- ⁷ C.F. Paulo FREIRE, **Pedagogia da Autonomia**. 1998.

- ⁸ C.F. Vitangelo PLANTAMURA. **Presença Histórica Competências e Inovação em Educação**. 2003.
- ⁹ C.F. Antonio NÓVOA. **Os Professores e sua Formação**. 1997
- ¹⁰ C.F. Paulo FREIRE. **Pedagogia da Autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. 1996
- ¹¹ C.F. Makron Books. **Educação Corporativa**. 1999
- ¹² C.F. **Distance Learning Courses and Adult Education**. Disponível em: The Open University. www3.open.ac.uk/courses.
- ¹³ A exemplo, o Consórcio entre Brasil e Estados Unidos de Cooperação em Ensino Superior e Educação Vocacional: <www.ea.ufrgs.br/graduacao/convenios/Univer_Americanas.doc> cujo programa proposto é criar uma parceria contínua entre 3 universidades das regiões Sul e Sudeste do Brasil e 3 universidades da região Sudoeste dos EUA para facilitar um intercâmbio contínuo de estudantes.
- ¹⁴ C.F. Juliane, Corrêa. **Sociedade da informação**: globalização e educação à distância. 2005.
- ¹⁵ *Ibid*, p. 10.
- ¹⁶ José COSTA et al. **Novas Linguagens e Novas Tecnologias**. Informação e Conhecimento no Processo Educativo. 2004.

Referências

- BELTRAME, S.A.B. & CAMACHO L.M.Y. **Usos e abusos da etnografia na educação** Disponível em: <URL: http://www.educacaoonline.pro.br/art_usos_e_abusos.asp>. Acesso em 05 jul 2005.
- CARNERIO, Roberto. 1995. **A Revolução Econômica e do Emprego**: Novos desafios para os sistemas educativos no dealbar do século XXI. Texto do Curso de Verão, 1995, Portugal. disponível em: <<http://cursoverao.pt/C>>. Acesso em 25 out 2006.
- CORRÊA, Juliane. (2005). Curso de Educação à Distância. *In*: Unidade I: **Sociedade da informação, globalização e educação à distância**. Brasília. Disponível em <<http://www.senac.com.br>>. Acesso em: 24 mai 2005.

- COSTA, José Wilson da, e PAIM, Isis (org.). **Novas Linguagens e Novas Tecnologias. Informação e Conhecimento no Processo Educativo.** Petrópolis, 2004.
- FORQUIN, Jean-Claude. **Escola e Cultura: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar.** Porto Alegre, Artes Médicas, 1993.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade.** 17ª edição. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983.
- _____. **Pedagogia da Indignação: Cartas pedagógicas e outros escritos.** São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- _____. **A Educação na Cidade.** 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2001a.
- _____. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa.** 30ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GODET, Michel. **A Caixa de Ferramentas da Prospectiva Estratégica.** Lisboa, 1983.
- MEISTER, Jeanne. **Educação Corporativa.** São Paulo, Makron Books, 1999.
- NÓVOA, Antonio. (coord). **Os Professores e sua Formação.** Lisboa-Portugal, Dom Quixote, 1997.
- PAPERT, Seymour. **A Máquina das Crianças, Repensando a Escola na Era da Informática.** Porto Alegre; Artes Médicas, 1994.
- PLANTAMURA, Vitangelo. **Presença Histórica Competências e Inovação em Educação.** Petrópolis. Vozes, 2003
- PORTO, Cláudio & REGNIER, Karla. **O Ensino Superior no Mundo e no Brasil - Condicionantes, Tendências e Cenários para o Horizonte 2003-2025.** Brasília, 2003.
- SANTOS, Boaventura. **Da Idéia de Universidade à Universidade das Idéias.** São Paulo, Cortez, 2001.
- SANCHO, Juana Maria e colaboradores. **Tecnologias para Transformar a Educação.** Porto Alegre: Artmed, 2006.

Sobre a Autora:

Maria Nascimento Ledes Monteiro é doutoranda em Educação, linha de pesquisa Inovação Pedagógica, pela Universidade da Madeira de Portugal.